



JOSÉ LUIZ TEJON

GUERREIROS

NÃO NASCEM

PRONTOS

Gente
editora

COMO UM PAI E UMA MÃE ADOTIVOS ME ENSINARAM A ARTE DA DIGNIDADE DA LUTA NA GUERRA PELA VIDA

“Quando não se tem um bom pai, é preciso criar um.”

– NIETZSCHE

“A mãe é a mais bela obra de Deus.”

– ALMEIDA GARRET

Não conheci minha mãe biológica. Entretanto, ela deu a sua vida por mim e para mim. E ela ainda fez muito mais. Soube escolher os melhores pais que eu poderia ter, na sua impossibilidade. Filho de mãe solteira que sou, Beni, de Benigna, uma espanhola, soube ser fiel ao que Nietzsche escreveu – conseguiu um grande homem para ser meu pai adotivo, o Antonio. E, para substituí-la, encontrou a mais perfeita obra de Deus na forma de mãe, a Rosa. E como o filósofo Lao-Tsé concluiu: “Pai e filho são dois, mãe e filho são um”. Quase tudo o que sou e no que me transformei devo aos meus pais adotivos, à minha família adotiva, e, claro, aos meus amigos, pessoas que Rosa e Antonio me prepararam para conquistar e admirar.

Estimado leitor e querida leitora, se você é pai, mãe, avó, avô, tio, tia, se você tem amor pelo mundo, precisa depositar a força de suas ações na construção de novos guerreiros. Guerreiros são eternas crianças dentro dos mais

distintos indivíduos. Guerreiros nascem no berço e são o resultado da educação e da criação. Neste capítulo, uso a experiência que a vida me ofereceu não para falar dela em si, pois isso não interessa; eu a utilizo para inspirar você ao máximo no trato com suas crianças e, quem sabe, na recuperação total da criança que continua viva dentro de você e que significa toda a diferença entre ser gigantescamente feliz, obter riqueza, alegria, sucesso *versus* não conseguir. Sem a criança interior, não vamos conseguir. Vamos desanimar ou então não teremos ao nosso lado os mais puros e os melhores, e terminaremos por fracassar. Então, vamos a essas crianças...

Retorno agora aos meus 4 anos, já vivendo com Rosa e Antonio. Moramos na rua Princesa Izabel, 257, Vila Belmiro do ladhinho do Marapé, na cidade de Santos. Foi nessa casa que minha mãe biológica me deixou com Rosa e Antonio. Foi amor à primeira vista. Eu era um lindo bebê. Era amado e admirado. Naquele tempo, não tínhamos os selfies e os celulares, mas meu pai tirava inúmeras fotos daquele menino, agora filho do casal. Num dia de são Cosme e são Damião, uma mistura de cera com gasolina explodiu no meu rosto. Iniciava ali uma vida diferente e que precisaria ser alvo de uma reconstrução. Durante cerca de três anos, passei por uma série de tratamentos e cirurgias na Santa Casa de Santos, onde iniciei meus estudos na escolinha Nossa Senhora de Lourdes. Já foi uma grata primeira vivência, ao lado de crianças especiais, todas elas.

Contudo, a síntese fundamental da vida desse meu guerreiro interior ocorreu por meio de três marcos fundamentais. O primeiro foi a instalação da coragem dentro de mim. Como criança, menino com o rosto queimado, ao voltar do hospital para casa, eu tinha muito medo. Afinal, sem dúvida nenhuma ali estava, no mínimo, um pequeno E.T. Meus pais adotivos tinham um pequeno bazar de bairro, onde vendiam armarinhos, chamado Bazar Marapé. Tinha uma porta, que existe até hoje, com cerca de 4 metros de largura por 7 metros de fundo. A coragem começou a ser construída na minha pequena alma inconsciente através do meu pai adotivo, Antonio. Homem simples, mal sabia assinar o nome, nascido em Trás-os-Montes, Portugal, na cidade de Chaves. Homem sofrido, tirado da escola para o trabalho no campo desde os 7 anos. Como vários guerreiros imigrantes, pessoas destituídas de medos, pelo menos os comuns e simples, com um limiar de dor muito expandido e forte, Antonio chegou ao Brasil apenas com os braços e as pernas para trabalhar. Ele nadava

bem e sempre participava das famosas travessias a nado do canal de Santos. E todo domingo me levava à praia e me fazia nadar com ele, por pelo menos uns 3 quilômetros. Ele me dizia que eu também havia engolido aquela mistura de cera com gasolina e que isso havia afetado meu pulmão. Se não fizesse muito exercício para respirar, eu não conseguiria viver muito. Seu método era direto, forte, mas com o amor de quem quer preparar o filhote para a vida lá fora, sozinho, num dia em que ele não estivesse mais por perto. E agora Antônio tinha um filhote debilitado, com uma grave queimadura que havia desfigurado seu rosto, que, aos 7 anos, já tinha enfrentado uma série de cirurgias, anestésias e dores sofridas. Nadar todo domingo era a norma. Significava aprender a gostar do mar, de suas correntes, de sua força. Mas um dia, não satisfeito apenas com essa lição, Antonio, meu maior amigo, meu velho português, me levou até umas rochas, aquelas pedras temidas pelos navegadores. De um lado das rochas, o mar e as ondas batiam altas e violentas. Do outro lado, havia um remanso protegido, uma minibaía, e as águas eram calmas. Antonio me levou para o lado das águas calmas e perguntou: “Filho, tu poderias viver aqui, neste lugar, para sempre?”. Olhei para a água, a rocha firme, e disse: “Acho que sim, pai, aqui não tem ondas bravas”. Então, Antonio me fez prestar atenção no outro lado, onde as ondas agitadas se estatelavam em cima das rochas, e me perguntou: “Filho, tu poderias viver tranquilo do lado de lá, onde as ondas estão a bater?”. “Não, pai, ali a gente pode morrer”.

Então Antonio, com sua sabedoria de vida vivida, de sofrimentos e calos nas mãos, olhou bem para mim, colocou as mãos no meu ombro e disse: “Filho, tu achas que o que acontece do lado de lá agora, na pedra, não vai acontecer mais cedo ou mais tarde aqui, do nosso lado?”, e, já emendando, me perguntou: “Presta atenção, filhote, o que vês de coisa viva aqui nas rochas?”. Olhei e vi ostras, então disse: “Pai, vejo ostras”. “E tu és uma ostra?” “Não, pai, não somos uma ostra”. “Então venha”, disse ele, “vou te ensinar o que é a vida”. Eu estava achando aquilo muito legal. Estar com meu pai, forte, bravo, brincando nas pedras da Ilha Porchat, em São Vicente, era muito gostoso. Então sua aula continuava: “Presta atenção, filho, nós vamos ficar lá do lado da pedra onde as ondas estão a bater”. “Mas, pai, não vamos morrer?” “Se ficarmos parados, nós vamos, filho. Assim é a vida, precisamos aprender a não ficar parados nunca. Olha, quando uma onda bate, ela recua, leva mais um tempo, forma uma nova onda, um vagalhão, ele vem e explode na rocha de novo, e assim

por diante. Então vamos lá esperar a onda chegar.” “Mas, pai, quando ela vier, a gente corre?” E o que meu pai respondeu não esqueço jamais. No melhor de sua simplicidade objetiva e direta, saiu da boca daquele português transmontano a seguinte expressão, olhando firme nos meus olhos: “Filho, não estou a te criar para seres um cagão. Não vais fugir de nada. Nós dois juntos vamos enfrentar e vencer aquele vagalhão! Tu me dás a mão, quando a onda vier, me obedece, eu vou gritar salta filho, e vamos mergulhar juntos bem na barriga da onda e nadar rápido para a areia. O refluxo da própria onda vai nos ajudar”.

Com medo, mas tendo na força da mão de meu pai um guia, um leme, uma direção, fui com ele para a ponta da pedra. Quando vinha se formando a onda, meu pai avisava: “Daqui a pouco, filho, deixa ela chegar mais perto, daqui a pouco. Lá vem ela, agora salta, filho”. Mergulhamos na mais deliciosa onda do mundo, saímos nadando, demos a volta na ponta do rochedo e colocamos o pé na areia. Então Antonio se virou para mim e perguntou: “Aprendeu a lição, filho? Não tenhas medo. Enfrenta a vida de frente. Olha para o que te vem pela frente. Estejas sempre preparado para saltar na vida. A vida será sempre algo igual ao que fizemos hoje, o encontro da pedra com as ondas do mar. Salta, filho, não fiques parado”. Aquele meu velho português instalou na profundidade dos meus neurônios algo que eu não entendia ainda aos 7 anos, mas que viria a ser decisivo ao longo de todo o meu viver, mesmo só tendo compreendido quando já tinha mais de 50 anos. Devo a coragem, desde a tenra infância como um menino debilitado, com rosto desfigurado, ao meu pai adotivo, Antonio.

A segunda lição fundamental me era dada quase todos os dias por Rosa e Antonio. Eles tinham um hábito de admirar pessoas. Eles falavam bem de determinados vizinhos. Elogiavam como eles trabalhavam e os mais estudados por terem conhecimentos. Raramente eu ouvia meus pais falando mal de alguém. Em geral, eram visões de admiração. E, ainda mais, faziam questão que eu olhasse para eles, quando passavam, ou vinham comprar algo no bazar. Eles me apontavam o seu Santos, que era dono do posto de gasolina em frente, e diziam: “Aquele homem trabalha muito e é muito querido pelos empregados, olha lá, meu filho”. Quando passava o seu Pontual, que era arquiteto, a mãe e o pai faziam questão que eu o visse, pois afinal, ele havia estudado e deveria ser um exemplo para mim. “Olha lá o seu Pontual, filho, um grande homem, um arquiteto”. De vez em quando, vinha na nossa lojinha um representante co-

mercial, me lembro bem, na época da Linhas Corrente. Vendia zíperes, linhas, armarinhos, o seu Alfredo. Quando ele chegava, meus pais me chamavam para prestar atenção naquele homem. Ele vinha sempre de gravata, falava bem, era educado. E me faziam prestar atenção no seu Alfredo. Da mesma forma, o seu Marçal, pai do Marçal, jogador do Santos na época, era considerado pelos meus pais um homem admirável, muito educado. O seu Barsotti, então, era um ídolo. Meus pais não sabiam escrever e esse homem era contador. Meu pai me fez prestar atenção no seu Barsotti escrevendo nos livros, queria que visse os números, porque um dia eu precisaria escrever como ele. A dona Helena, nossa vizinha admiradíssima, dava aulas de violão e cuidava da casa. Mais tarde, ela salvaria minha vida de outra forma, me ensinando a arte e a música. Foi com ela que descobri o poder da criatividade. Também havia sido esse anjo do meu destino que me salvara do fogo queimando na minha face, no dia do acidente.

Rosa e Antonio me fizeram prestar atenção em pessoas. Trabalhadores, estivadores, doqueiros, comerciantes, contadores, costureiras, professoras me ensinaram o que Viktor Frankl ensinou a todos com a logoterapia: a criação de um sentido como forma de as pessoas darem saltos em sua vida, e tendo na admiração pelas pessoas, e na comparação entre elas, a maneira pedagógica para conseguir isso.

Esse segundo fundamento foi outro marco sagrado da construção do meu guerreiro que estava sendo formado, sem saber, sem estudos, apenas com a vida pela vida através dos meus queridos pais adotivos. Eles me ensinaram a coragem, o não se acovardar, jamais se envergonhar, e instalaram ainda no automático das minhas decisões outra gigantesca sabedoria, a de admirar, prestar atenção em pessoas admiráveis e segui-las como faróis orientadores do rumo.

Um dia estaria sozinho, sem a proteção de Rosa e Antonio, e passaria a ser o que decidisse por mim. E eu não tinha a menor ideia de que suas vozes, as vozes da criação, reverberariam e ecoariam em mim ao longo de toda a minha vida, que essas vozes me fariam corrigir erros. Não que eu não errasse – e como nós erramos! –, mas em algum momento elas explodiam e falavam mais alto do que todas as outras vozes. “Salta filho! Enfrenta o mar de frente, se move...” “Olha lá, filho, que sujeito admirável, que mulher valorosa. Imite aquelas pessoas, seja um grande homem...”

Mais uma vez, eu, conscientemente, não sabia de nada disso. Mas meu inconsciente estava sendo forjado pelos valores de vida dos meus líderes guerreiros, Rosa e Antonio. Só fui compreender isso depois de ter vivido mais de 50 anos. Nos estudos sobre a arte da liderança, aprendia que o fundamental das nossas decisões sobre o futuro não está em saber onde será, como será, quando será, e sim com quem será. Nossa vida será determinada pela decisão presente de com quem decidirmos navegar para esse futuro. Será com quem vamos aprender e enfrentar juntos, com quem vamos criar os próprios caminhos lá na frente. Rosa e Antonio não sabiam de nada disso, mas me ensinaram a observar e admirar pessoas que tinham talento e realizavam com amor o que faziam. Pessoas que trabalhavam e faziam muito bem-feito. Esse fundamento explica tudo o que consegui, pois aonde quer que fosse podia errar nas escolhas, mas qualquer sinal e aviso eram suficientes para mudar de rumo. E, na vida, na carreira, nas empresas, não faremos nunca nada sozinhos, e olhar e estar com os mais capazes e os mais bem preparados nos estimula a sermos melhores. Esse foi outro fundamento sagrado na minha criação que me foi dado por Rosa e Antonio.

Por mais que possamos aprender a ser muito capacitados como indivíduos, não daremos passos maiores se não formos um membro colaborador de equipes. Daí alcançamos a missão de um gerente, que significa realizar com recursos escassos, assumimos em algum momento o desafio de liderar, e então um líder eficaz vai exercer o comprometimento com a entrega para finalmente usufruir de uma enorme satisfação, o resultado total de uma grande obra com as pessoas.

E, por fim, o terceiro fundamento, aquele que talvez possa ser o que amalgamou, integrou e sedimentou os anteriores, me foi dado por Rosa. Ela me fez prestar atenção nas batatas, e isso salvou toda a minha vida a partir de então. Eu procurava não sair de casa, não ver ninguém e não ser visto. Não suportava a ideia de ir aonde houvesse muita gente. O motivo, vocês podem imaginar: o rosto queimado. Era sempre alvo das mais diferentes interpretações das pessoas. Toda quinta-feira tinha a feira livre do bairro. Até hoje tem, fica na praça José Olympio de Lima, na Vila Belmiro. Era comum na época as mães irem à feira com os filhos, para que eles ajudassem a carregar sacolas e puxar carrinhos. Minha mãe queria me levar e eu fugia. Subia no telhado e ela não conseguia me pegar. Ficava brava, vocês podem imaginar uma “alemoa”

nascida no morro do Canastra, no Rio Grande do Sul, criada na colônia alemã, brava e esbravejando? Ela dizia com seu eterno sotaque alemão: “Menino, você precisa ajudar sua mãe na feira. Todos os filhos ajudam, e as vizinhas estão dizendo que eu não sei te dar educação, porque você não me ajuda...”. Mas eu não queria saber de ir à feira, era uma tortura ao ar livre. Ela voltava, me dava um sonho e um pastel, e avisava que na semana seguinte ia me levar. Na outra quinta pela manhã, eu subia no telhado de novo, e dona Rosa brava, me mandava descer. E eu nada. Ela desistia, furiosa, e ia à feira sozinha. Na volta, de novo, um sonho e um pastel, e dessa vez uma ameaça definitiva: “Semana que vem você não me escapa, não quero saber de vizinhas dizendo que não sei educar meu filho”. A semana passava bem, comigo na minha zona de conforto, e na quarta-feira à noite eu já preparava minha estratégia de subir no telhado no dia seguinte, logo cedo. Contudo, naquela manhã algo novo ocorreu. Acordei com o braço amarrado no dedo. De madrugada, minha mãe se amarrou a mim. Levantamos juntos, e ela me arrastou para a feira chorando e berrando. Não teve acordo. Quando chegamos lá, a primeira barraca era das batatas – coisas duras primeiro, para colocar no fundo do carrinho. Em volta, uma multidão foi se reunindo para ver o E.T., que era eu. Eu fitava o nada, pois minha vergonha era grande e tinha medo dos olhares, do burburinho e do vazerio. Dona Rosa olhou pra mim e me deu uma ordem: “Filho, preste atenção nas batatas. Veja este saco, que grande. Você vai escolher uma a uma. Estas são para fazer cozidas, para seu pai, que é português”. Comecei a escolher as batatas quando uma mulher gigantesca se aproximar, chorando, abraçar minha mãe e berrar para todos ouvirem: “Como seu filho ficou...”. No momento em que eu ia prestar atenção naquela mulher, minha mãe se desvencilhou do abraço, se abaixou e me deu outra ordem: “Filho, preste atenção no que você tem que fazer. Olha aqui, esta batata não está bem escolhida, pegue as bem lisinhas, as maiores, sem manchas. Vamos lá, atenção nas batatas...”. Em volta da barraca, gente se reunia e um burburinho se ouvia. Escutei uma mulher que puxava o filho pela mão dizer a ele: “Olha lá quando eu digo para você não mexer com fogo, olha como você vai ficar!”, e de novo, quando eu ia parar e olhar para todas aquelas pessoas em volta, mais uma vez a dona Rosa ergueu sua voz e me mandou prestar atenção e escolher as batatas do saco ao lado. E acrescentou: “Estas são as pequenas, redondinhas, para fazer no forno, como alemão gosta... Vamos lá, pegue uma a uma com a sua mão”.

Dona Rosa, sem conhecer Daniel Goleman, me orientou a ter foco. Ela me fez prestar atenção nas batatas, no alho, na cebola, nas laranjas e, quando voltamos para casa, me abraçou, beijou e falou para o pai: “Hoje ele foi um grande filho, me ajudou, e ninguém vai poder dizer que não tem educação”. O pai me abraçou. Nesse dia, senti o amor forte daquele casal que me adotara como um lindo bebê e agora precisava educar um precioso E.T.

Na semana seguinte, eu já havia perdido o medo e fui com minha mãe para a feira. E lá chegando precisava enfrentar de frente as ondas fortes do mar da vida. E quais eram? Em primeiro lugar, a agressão das outras crianças. Um bando de moleques gritou: “Olha o queimado”. Olhei para eles e percebi que cada um também poderia ter um belo apelido, pois, se alguém não tem defeito, você inventa um e ele acredita que tem. Lá estavam os garotos da minha rua. Começamos com os nossos *bullyings*, de um lado e do outro, mas logo vi que eles não eram inimigos. Começamos a correr, a chutar laranjas do chão. E a primeira vez na minha vida em que senti a sensação de sucesso foi no dia seguinte à feira. Os meninos da minha rua foram me chamar para jogar bola com eles. Eram, agora, meus amigos. Eu havia conquistado a minha rua, a minha feira do bairro, os quarteirões em volta da minha casa. Se não tivesse realizado essa conquista, dificilmente conquistaria outra coisa no mundo.

Esse terceiro fundamento, o foco, onde colocar o centro de suas atenções, novamente foi o motor de toda a minha vida em todas as experiências futuras.

Eu não sabia disso, não tinha consciência disso, mas fui guiado, dirigido e continuo sendo pela trilogia de Rosa e Antonio – coragem, pessoas e foco.

Material exclusivo. Proibida a comercialização e a cópia sem o consentimento do arquivo. Propriedade da Editora Genere.



O dia virá
Pode faltar a escola
Mas não o interesse
em aprender

Pode faltar o carinho
Mas não o tato de acolher

Pode faltar até o pão pra manter o corpo
mas não a alma alimentada

Podem faltar caminhos
Mas não a estrada

Que não falte amanhecer para o crescimento
que não falte Deus como documento para o salto,
para a frente para o alto para os outros
para a transformação sem ferir sem
se armar sem ofender

O guerreiro brota a cada esquina,
das necessidades urgentes supera
o osso, supera a si....
Ao longo da jornada...

Mensagem
especial de
**CARLINHOS
BROWN**
para este
livro.



Este livro fala de lutas. Lutas que nos servem de exemplo, que nos ensinam estratégias. Lutas que mostram que não é fácil correr atrás daquilo que queremos. Mas nunca devemos nos ajoelhar perante o destino porque essa é, nas palavras de José Luiz Tejon, “a essência da alma forjada na têmpera forte dos grandes guerreiros”.

Em *Guerreiros não nascem prontos*, Tejon leva ao leitor palavras inspiradoras, mostrando que o caminho para a realização não chega sem obstáculos. Tejon despertará o guerreiro em você, ajudando-o a fazer escolhas inteligentes, alinhadas com os valores da sua vida. Entre outros pontos da ética do guerreiro, aprenda aqui:

Construa sua identidade • Saiba o que você representa
Não deixe que os outros o definam • Aceite seus próprios desafios
Não tenha medo de ser o primeiro

–O livro vai que vai revolucionar sua carreira e sua vida.–



Visite-nos:
@EditoraGente
facebook.com/editoragentebr
www.editoragente.com.br



Carreira

ISBN 978-85-452-0054-3



9 788545 200543